

O agronegócio é o seguinte

## O fundo do poço

COM o avanço do calendário da safra de verão 2006/07 algumas conclusões já podem ser delineadas. Haverá um encolhimento de área tanto de soja como de milho, as duas lavouras que ocupam mais espaço no País. O algodão mostra uma recuperação. No cômputo geral o indício maior é de que a temporada será marcada pelo pico da crise das duas últimas comercializações. Além do menor investimento do agricultor e da consequente redução do padrão tecnológico das lavouras, houve uma diminuição dos custos de produção. Espera-se, portanto, uma melhoria da rentabilidade.

É preciso sempre olhar com muita atenção a concepção e a aplicação das políticas públicas na agricultura. A incapacidade do Tesouro em sustentar recursos crescentes às necessidades do setor, obriga o governo a rever os seus instrumentos. Os leilões do Prêmio para o Escoamento de Produto (PEP) no milho é um bom exemplo. O mercado ganha uma referência em termos de preço, e o agricultor não fica penalizado. O excedente interno é reduzido com a viabilização de exportações. Caso contrário, haveria uma queda maior na área plantada com o cereal.

Entre as lavouras de inverno, a principal delas, a triticicultura, mostra um desempenho abaixo da crítica. A crise do produtor e os problemas climáticos provocaram enorme quebra na colheita. As apostas são de que as importações deste ano chegarão próximas da marca recorde. O sonho da auto-suficiência mais uma vez caiu por terra. Tudo isso coincide com a menor produção da Austrália e uma alta forte dos preços no mercado internacional. O governo acertou ao deixar para liberar a cobrança da Tarifa Externa Comum (TEC) depois do encerramento do grosso da comercialização da produção interna. O produtor poderá vender sua produção com melhores preços nesse período pós-colheita.

De 1998 a 2005, o governo gastou em subvenções à agricultura cerca de R\$ 22,6 bilhões ao assumir as despesas nas negociações da securitização, do Pesa e do Recoop. É um valor respeitável. Mas se considerarmos a contribuição do agronegócio para o País, valeu a pena. Somente o saldo comercial no comércio internacional nos últimos cinco anos, de US\$ 137,8 bilhões, já comprova a tese. Em relação ao PIB da agricultura, o valor médio anual da subvenção significou 1,7%. Um dos mais baixos do mundo.

Na área da biotecnologia, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança tem sido alvo de duras críticas pela morosidade dos trabalhos para a liberação dos testes de variedades com Organismos Geneticamente Modificados. Alguns de seus componentes se demitiram; outros nem apareciam nas reuniões. A partir de julho, porém, o colegiado mudou de comportamento. Uma série de pendências foi colocada em dia. Até hoje a situação da semente da soja não foi regularizada pela falta de decisão no momento mais apropriado. Esta cena poderá repetir-se com o algodão e o milho.

A febre do etanol contamina o mundo dos negócios agrícolas. As exportações brasileiras deverão ser recordes este ano. O cenário é promissor. Dos 170 mil postos de gasolina dos EUA, somente cerca de 800 vendem álcool, de acordo com a Coalizão Nacional pelos Veículos a Álcool. O etanol poderá representar mais de um terço da gasolina americana em 2025 (o nível atual é de 3%). O orçamento do governo Bush para o exercício fiscal iniciado em 1º de outubro propõe US\$ 500 milhões de investimento federal em combustíveis alternativos. Isso é menos da metade do que os americanos gastam por dia com gasolina. A França acaba de aderir ao universo dos verdes e já cria polêmica com o seu subsídio para produzir o combustível a partir de cereais e beterraba.

A pecuária de corte, após um período de vacas magras, dá sinais mais claros de um novo ciclo de alta. Na Europa, porém, a atividade vive momentos dramáticos. Sem o suporte de subsídios, os criadores ficam sem rentabilidade. A Política Agrícola Comum (PAC) do bloco parece estar cada dia mais sensibilizada com a agricultura energética. A facilidade para importar e a disponibilidade de alimentos no planeta tiram da agenda dos governos a prioridade com segurança alimentar baseada na produção doméstica.

Para encerrar 2006 e abrir 2007 com chave de ouro, a Agroanalysis comemora a notícia alvissareira que é o fato de Roberto Rodrigues, com sua ampla bagagem acadêmica, empresarial, cooperativista e de liderança setorial, assumir a coordenação do Centro de Estudos do Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas. Sem dúvida alguma, um ganho para todos nós. Seja bem-vindo, Roberto.